



# hallceart

#06

Egressos do Ceart: trajetórias em perspectiva  
Mãos na terra: arte da cerâmica é perpetuada na Udesc  
A história da Música em Desterro  
Teatro em Comunidades



Foto: Acervo pessoal

## Acácio Piedade: composição e antropologia

O premiado professor de Música da Udesc conversa com a Hallcart sobre sua trajetória e a composição na universidade

Por Mariana Passuello, do Núcleo de Comunicação da Udesc Ceart

O professor Acácio Piedade, docente do Departamento de Música da Udesc, recebeu um importante prêmio internacional de composição durante seu pós-doutorado na Alemanha. Sendo o único brasileiro dos 23 inscritos, Acácio venceu o primeiro lugar no concurso *Internationaler Eisenacher Kompositionspreis*, promovido e organizado pela cidade de Eisenach, com a composição “*Divertimento für Kontrasubjekte*”, “Divertimento para contrasujeitos” em tradução livre.

Entre 2018 e 2019, ele realizou um pós-doutorado na Universidade de Música Franz Liszt, na cidade de Weimar, Alemanha. Buscando unificar sua trajetória como compositor e seus trabalhos na área da antropologia, quando estudou música indígena no mestrado e doutorado, atualmente sua pesquisa possui foco em elementos culturais empregados em composição. Confira a conversa.

## 1. Hallceart: Qual o seu processo para compor música?

Acácio Piedade: Acho que meu processo pesa mais no intuitivo. Quando é uma encomenda, tem um deadline, uma formação já fixa, uma ideia já em processo, é mais mão na massa. Fora isso, eu gosto muito de improvisar no piano e extrair ideias que vão surgindo quando eu estou totalmente em um estado aberto. Vão vindo pensamentos, vou buscando sonoridades, daí quando gosto, paro e escrevo. Gosto de escrever. Às vezes, não é uma composição, é só uma ideia em potencial. Então, eu tenho uma coleção de papéis com ideias que eu capturei e ficam ali, posso pôr em ação depois. Mas também tenho inspirações literárias, poéticas, políticas, imagéticas, que me sugerem uma forma musical onde eu posso navegar. Às vezes, tenho inspirações mais matemáticas, da geometria, das proporções, simetrias, da teoria musical mesmo. A música é muito matemática, é muito bonito. Cada hora vem de um jeito, nas coisas da vida e até no sonho. Tudo que vem preciso capturar (escrever) e transformar, colocar materiais em uma linha do tempo e buscar um sentido, uma forma, e ir construindo uma obra.

## 2. Como pesquisar e estudar fora do Brasil complementa a formação dos professores universitários?

Só de estar vivendo em uma cidade com muita tradição musical, ir a concertos, ver partituras, bibliotecas, dialogar com colegas, fazer cursos e dar aulas, isso tudo já é muito rico. Se comunicar em outras línguas, coisa fundamental. Há muitas publicações que ficam lá [fora do Brasil], nem estão disponíveis na internet. Algumas bibliografias você só tem contato estando lá, algumas muito específicas. A Alemanha é um país muito forte na área da composição, uma longa tradição, um



Acácio Piedade recebendo o prêmio *Internationaler Eisenacher Kompositionspreis* junto a autoridades alemãs. Foto: Divulgação

número impressionante de artistas e grupos musicais de excelente qualidade, com muita abertura para o novo. E eu queria fazer uma coisa nova na minha vida, conectar minha formação como antropólogo na minha formação maior como compositor, caminhos que acabaram divergindo. Encontrei essa possibilidade em Weimar, um lugar tranquilo, com uma incrível universidade de música, um cenário musical excelente, para realizar pesquisa nos departamentos de composição e de estudos transculturais. Uma sorte ter achado algo assim em uma universidade que tem um convênio com a Udesc.

## 3. Por que é importante ter produção de cultura e de conhecimento artístico nas universidades?

Aqui na universidade a produção está mais livre das amarras do gosto e da indústria cultural. Você pode compor música pensando em mexer com as pessoas, provocar emoções e mudanças de olhar em relação à sociedade e à própria cultura. É um poder transformador, às vezes maior do que da música de massa que está aí para servir de entretenimento. Acho um papel super importante da universidade, ser esse berço para acolher a arte mais livre e que pode, por causa dessa liberdade de linguagem, produzir uma arte que saia do comum,



Acácio Piedade no Concerto Mosaico Musical do Ceart 30 anos  
Foto: Vanessa Soares

que possa impactar, tocar e acordar as pessoas. Quem está no mercado não tem muito dessa chance, tem que seguir as regras do gosto estabelecido.

Todo o sistema de avaliação da universidade foi montado em volta das ciências “duras”. As artes entraram depois e houve uma longa luta para valorizar o conhecimento e a produção artística frente à produção científica no Brasil. Conseguimos muitos avanços. Quando alguém estreia uma composição, uma peça de teatro ou realiza uma exposição, isto hoje tem muito valor no currículo.

Nessa época mais recente de lamentável desvalorização das artes e das ciências humanas, eu acho que a gente corre risco de um retrocesso grande. Talvez esse retrocesso tenha impacto na liberdade de criação e efeitos terríveis na área da cultura e, então, vai causar uma decadência geral. Isto parece estar começando, mas existe a resistência, que é o poder de responder a essas pressões. E a arte sempre foi uma incrível ferramenta para isso! Dá para lutar contra essa corrente retrógrada e reafirmar a liberdade da arte, não podemos abrir mão disso. A universidade tem um papel muito importante aqui.

#### **4. A diversidade dentro dos cursos de artes na universidade pública tem algum impacto nos estudantes?**

Todas as diversidades são valorosas para a universidade: cultural, étnica, social, musical, etc. A minha visão é de que a universidade pública deveria instigar o estudante a ser crítico, abrir-se e transformar-se, não a atender uma demanda imediata que muitas vezes vem da formação do gosto imposto pelas normas sociais. Por exemplo, o cara gosta de choro, quer estudar mais choro, mas aqui não é uma escola de choro, tem o lugar do choro também, mas ele vai ter que olhar criticamente e se abrir para outras coisas, vai ter que aceitar uma transformação e gostar dela. A universidade pública é o lugar onde isso pode ocorrer. A gente tem que formar pessoas transformadas e transformadoras, mais críticas e livres.

#### **5. Como é o processo para ensinar composição?**

O ensino propriamente dito é algo bem técnico, com exercícios, começando a escrever pequenas composições

para um ou dois instrumentos, em estilos específicos. O professor acompanha, toca, escuta, discute, mas não deve haver “patrulhamento” estético. O cara pode fazer a música que ele acredita, que ele está buscando. A gente não pede que seja erudito, mas exige que seja competente dentro da escrita que ele está fazendo.

Ensinar composição na atualidade, na verdade, é uma coisa muito complicada. Eu enfatizo a escrita musical, a partitura, eu acho uma coisa bem democrática: é como uma improvisação, uma criação muito íntima que está integralmente disponibilizada, qualquer um que leia partitura pode tocar, não precisa só ouvir. Há escolas de composição onde a partitura não é tão importante, como na música eletro-acústica, que é algo incrível também. Eu trabalho com isso, acho maravilhoso. Mas o estudante que entra, em geral, quer muito uma coisa, mas os estudos não vão diretamente prover isso. O estudante é guiado por outros caminhos, mas sem perder o foco.

Em geral, eu puxo mais para a música contemporânea escrita para instrumentos, mas nem sempre. O importante no estudo da composição é incitar a persistência, a disciplina, que o estudante goste de escrever muito, ouvir e analisar muita música, que ele busque uma transformação da sua própria linguagem. Mas não quer dizer que vai ter que compor o que o professor acha bacana. O importante é o seu processo. Aliás, eu acho muito importante que esse ensino tenha ampla diversidade, aceitação e transformação de diversas linguagens e estilos musicais.

## 6. Onde a composição se encaixa no currículo dos cursos de Música da Udesc?

Na graduação, composição é uma disciplina eletiva. Temos o curso de licenciatura, voltado para formar

professores, e os bacharelados de instrumentos. Não temos bacharelado em composição, mas sempre tem bastante gente interessada na disciplina. Parece que há uma reforma chegando, a criação musical vai se tornar um dos caminhos do bacharelado. Nos programas de pós-graduação, já temos mestrado e doutorado em composição, que se dá na linha de pesquisa processos criativos.

## 7. Qual o diferencial de estudar composição e o que isso proporciona?

Creio que há muito ganho de conhecimento na escritura musical, nas partes técnicas de harmonia, contraponto, arranjo, orquestração, e no repertório moderno e contemporâneo, que me parece o foco daqui da Udesc. No final, quando se segue o caminho e se conclui uma composição, o ganho é muito espiritual. Achar um caminho dentro de você, achar o lugar daquela música e o poder de sua liberdade é muito rico. Um artista, quando vasculha seu mundo interior, aprende a construir obras a partir das suas inquietações. Concluir uma composição, vê-la nascer, ser tocada e ouvida por outros, eu acho meio milagroso! Só essa transmissão de um mundo interior para o outro eu já acho uma coisa incrível! Mas não é fácil: é árduo, requer paciência, estudo, aprender a lidar com o tempo. Compor 1 minuto leva muito mais do que 1 minuto, pode levar dias. Acho que a universidade propicia esse tempo e espaço, essa liberdade para professores e estudantes. ■

## Saiba mais

 [bit.ly/acacio-piedade](https://bit.ly/acacio-piedade)

revista de distribuição gratuita

